

Ano III, Num 01
Edição Janeiro – Junho 2012
ISSN: 2179-6033
<http://radioleituras.wordpress.com>

Os recursos expressivos da linguagem radiofónica nas cibernotícias das rádios portuguesas

Ana Isabel Crispim Mendes Reis¹

Resumo

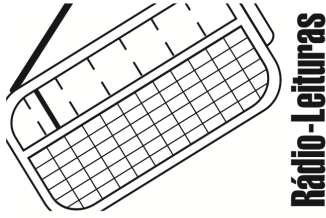
O jornalismo radiofónico enquanto construção sonora da realidade está intrinsecamente ligado à linguagem radiofónica. É a articulação entre os seus componentes sonoros que permite recriar os sons do mundo e das notícias. Na Web a rádio dispõe de outros recursos e deixa de depender exclusivamente do som. O que nos propomos é verificar se os recursos expressivos da linguagem radiofónica estão presentes nos áudios das notícias em destaque de quatro rádios portuguesas: TSF, Rádio Renascença, RDP Antena 1 e Rádio Clube. O que concluímos é que predomina a utilização de uma única componente, a da palavra, e que os cenários sonoros estão praticamente ausentes nos áudios do novo meio.

Palavras-chave: Rádio, internet, linguagem radiofónica

1. A Linguagem Radiofónica

Cada meio tem uma linguagem própria que parte das suas características e particularidades. No caso da rádio hertziana o som é o único elemento de contacto entre a rádio e o ouvinte. E o facto da mensagem apenas ser apreendida por um único sentido, a audição, determina a forma de comunicar.

¹ Docente na Licenciatura em Ciências da Comunicação: Jornalismo, Assessoria e Multimédia da Universidade do Porto, Portugal. Doutora em Ciências da Comunicação na Universidade do Minho, Braga, Portugal. Foi jornalista durante 18 anos, tendo exercido nas rádios RDP, RR, Rádio Nova e RCp. É actualmente docente na área de Rádio na licenciatura em Ciências da Comunicação: Jornalismo, Assessoria e Multimédia da Universidade do Porto. É Coordenadora-Geral da JPR (JornalismoPortoRádio, a webrádio do curso) <http://jpr.icicom.up.pt/> e do JPN (JornalismoPortoNet, o ciberjornal do curso) <http://jpn.icicom.up.pt/>



Os recursos expressivos da linguagem radiofónica nas cibernotícias das rádios portuguesas

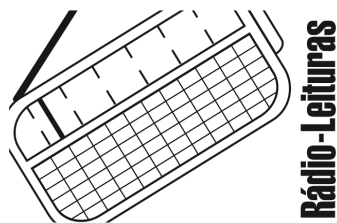
Ana Isabel Crispim Mendes Reis

A narrativa radiofónica e a narrativa jornalística radiofónica não se restringem à comunicação oral, são um produto sonoro com toda a abrangência que isso implica. A linguagem radiofónica, com todos os seus recursos expressivos, espelha, constrói e recria a realidade sonora que nos envolve, devolvendo-nos aos ouvidos os sons do mundo.

Desde os primórdios da telefonia sem fios que os estudiosos do meio enfatizam a dimensão sonora da rádio: “A rádio interpreta o universo a partir da perspectiva sonora” (HERREROS, 1995, p. 313), a sua tarefa consiste em “representar o mundo para o ouvido” (ARNHEIM, 1980, p.27). Por isso a narrativa radiofónica é uma “sonosfera” (BALSEBRE, 1996, p.12), uma “experiência acústica” (LAZARSELD, 1946, p.38) que está intimamente ligada facto da rádio ser um “*medium* cego” (CRISELL, 1994, p.3) e é dessa “cegueira” que deriva a natureza da sua linguagem. Os códigos da rádio são puramente auditivos, Crisell (1994, p.5) denomina-os de “surrounding messages” que ajudam o ouvinte a dar sentido ao que ouve. É o que Balsebre (1996, p.15) descreve como sendo o âmbito psicoacústico e comunicativo do meio em que o facto de existir um ouvinte anónimo e ausente determina, em certa medida, a capacidade criativa e expressiva da rádio. E, na definição de Balsebre, essa é a essência da linguagem radiofónica:

o conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação é determinada pelo conjunto de recursos técnico-expressivos de reprodução sonora e o conjunto de factores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos radiouvintes (BALSEBRE, 1996, p.27).

A definição é ampla, não se limita a enumerar os componentes da linguagem sonora, abrange os recursos técnicos que tornam possível utilizá-los, reproduzi-los e difundi-los, e sublinha a importância da interacção entre emissor e receptor que, com



base num código sonoro comum, permite descodificar, compreender e interpretar a mensagem auditiva.

O seu objectivo é o de apelar à audição, o de captar e, sobretudo, manter a atenção do ouvinte. Para seduzi-lo recorre aos quatro sistemas expressivos da linguagem radiofónica: palavra, música, efeitos sonoros e silêncio. Os quatro elementos sonoros da “arte da expressividade radiofónica”, como lhes chama Merayo Pérez (1992, p.21).

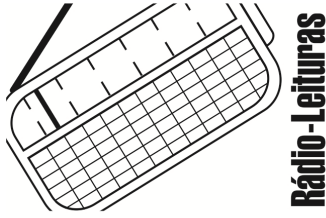
A palavra, se por um lado reproduz a realidade, um objecto ou uma ideia, por outro lado evoca sensações e estimula a imaginação. É o instrumento pelo qual se expressa o pensamento humano e é o “veículo da nossa socialização” (BALSEBRE, 1992, p.33).

A música representa um caso particular de comunicação não figurativa, constituída por elementos abstractos. Expressa e conduz o ouvinte a estados de alma. Tem uma função expressiva e afectiva, é fonte criadora de imagens auditivas e encontra na rádio uma “verdadeira caixa-de-ressonância” (BALSEBRE, 1992, p.89).

Os efeitos sonoros reproduzem uma imagem concreta do desenvolvimento sonoro de um acontecimento, produzem uma sensação de realidade, isto é, têm a função de tornar o que se ouve verosímil. São determinantes para a visualização das “paisagens sonoras” (BALSEBRE, 1992, p.117).

O silêncio é um tempo em que não se produz som, pelo menos perceptível ao ouvido humano, mas aqui o imaginário actua ainda mais já que o silêncio oferece um momento de grande expressividade sujeito a múltiplas interpretações. É uma “forma não sonora” (BALSEBRE, 1992, p.135) que faz parte da linguagem verbal, feita de palavras, silêncios e pausas.

A linguagem radiofónica é o que resulta não da utilização isolada de cada um dos componentes, mas do seu conjunto. Não é uma mera soma de todos os



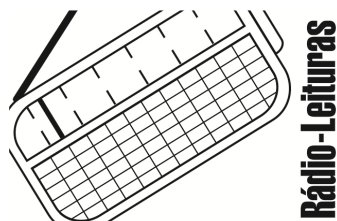
Os recursos expressivos da linguagem radiofónica nas cibernotícias das rádios portuguesas

Ana Isabel Crispim Mendes Reis

elementos, antes resulta da sua interação. Os quatro são produtos sonoros e, como tal, a análise da linguagem radiofónica não pode limitar-se apenas à linguagem oral. Isso tornaria o meio mais pobre, mais limitado, menos imaginativo-visual, menos expressivo. A capacidade expressiva da linguagem radiofónica não pode ser reduzida a um simples sistema semiótico da palavra, todos os recursos fundamentam o sentido simbólico, estético e conotativo da linguagem radiofónica.

O conceito aplica-se à rádio no seu todo e ao jornalismo radiofónico em particular. O recurso à palavra pode ser predominante, mas a música, os efeitos sonoros e o silêncio são também utilizados na mensagem jornalística não só para captar e manter a atenção do ouvinte, mas sobretudo para dar a imagem sonora do conteúdo noticioso. Funcionam muitas vezes como cenário sonoro, como o ambiente que confere verosimilhança à palavra, a enfatiza, a ilustra, a complementa na recriação da realidade sonora.

Meditich considera que a palavra é, por natureza, o elemento primordial da informação radiofónica e evoca Arnheim para quem a conversação constitui a essência expressiva da obra radiofónica (1999, p.166). Meditsch é uma voz discordante quanto ao uso de todos os sistemas expressivos no jornalismo radiofónico. Baseado na distinção entre arte radiofónica e jornalismo radiofónico, o investigador brasileiro lembra que no jornalismo a ética “limita a manipulação da realidade referente”, pelo que os sons da realidade não podem ser recriados artificialmente ao contrário da arte radiofónica (1999, p.172). Por isso, o mundo que a rádio informativa transmite será sempre mais pobre do que o mundo sonoro construído pela arte radiofónica. Para o autor, “no conteúdo da rádio informativa a música, os ruídos e o silêncio exercem um papel subsidiário em relação à palavra” (1999, p.173) até porque o som precisa sempre de um contexto (a palavra) para ser entendido. Isso não significa necessariamente que o meio seja mais pobre, tudo depende dos contextos informativos, ou seja, o uso da linguagem radiofónica está vinculada à situação comunicativa.

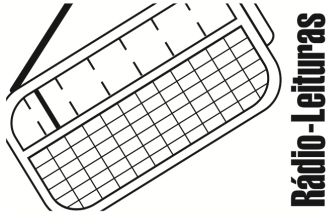


Ao contrário da imagem o som não vale por mil palavras, a palavra contextualiza-o, mas o som pode revelar aquilo que não foi dito. O cenário sonoro por detrás da palavra apela aos sentidos, actua como um potenciador de imagens, primeiro auditivas depois visuais, transportando o ouvinte para o lugar da notícia, proporcionando-lhe uma vivência do acontecimento. É o poder visualizador da rádio. O meio cego revela-se assim o mais visual de todos, supera a sua limitação inata e, aparentemente, a sua maior fraqueza. Ouvimos para ver, e podemos fazê-lo pela interacção dos sistemas expressivos da linguagem radiofónica.

Tanto Merayo Pérez, como Balsebre ou Crisell evocam a cegueira do meio para justificar a necessidade da linguagem radiofónica não só para captar a atenção do ouvinte e conseguir uma comunicação mais eficaz, mas também para potenciar a construção/recriação de imagens auditivo-visuais, funções que são, aparentemente, relegadas para um segundo plano num meio visual como é a internet.

O conceito de linguagem radiofónica de Balsebre aplica-se à rádio hertziana e pode também ser aplicado ao produto sonoro que escutamos na *web* uma vez que o autor fala de formas sonoras e não sonoras, na mediação técnica que permite a produção, a emissão e a recepção, e sublinha a importância da interacção entre emissor e receptor. Todos estes factores são potenciados pela internet e, especificamente, pelas ciber-rádios.

Na procura de uma definição do que é o jornalismo radiofónico na *web*, Alves (2004, p.8) não faz uma referência clara à linguagem do meio mas a determinação da estética radiofónica no produto jornalístico radiofónico na internet engloba a interacção da palavra, música, efeitos sonoros e silêncio – são estes os elementos que constroem a estética radiofónica. Neste ponto, consideramos que a definição de Alves encontra eco em Balsebre (1996, p.15) quando o autor reivindica para a rádio uma função estética comunicativa que é potenciada pelo novo meio, uma função “que começa na beleza do sonoro e termine na interacção comunicativa emissor-receptor”.



Os recursos expressivos da linguagem radiofónica nas cibernotícias das rádios portuguesas

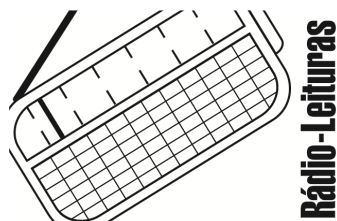
Ana Isabel Crispim Mendes Reis

Escreve Merayo Pérez (1992, p.21) que a rádio ao não ter imagem nem a atracção própria da linguagem visual, o emissor, consciente das suas limitações expressivas, deve utilizar a palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio, combinando-os com toda a sua eficácia. Na época, em 1992, ainda se falava apenas da rádio hertziana. Agora com a internet não basta a ciber-rádio privilegiar o som para se diferenciar e construir uma identidade porque todos os media podem colocar áudio nos seus conteúdos. É na combinação dos sistemas sonoros da linguagem radiofónica e na sua articulação com outros recursos ou linguagens que poderá residir a diferença.

A rádio na internet, apesar da sua coluna vertebral continuar a ser o som, converte-se num media expressiva e informativamente multimédia, mas Herreros (2001, p.22 e p.91) acrescenta que, por agora, assistimos a uma convergência tecnológica digital e, simultaneamente, a uma divergência expressiva dos media, em que cada um parte da sua diferenciação, realçando-a ao mesmo tempo que a incorpora com outros recursos.

A linguagem radiofónica encontra um lugar na nova linguagem do meio, e é isso que diferencia os media na rede. Ribes i Guàrdia (2001, p.181) afirma que a rádio na *web* produz uma convivência da linguagem radiofónica e da linguagem hipermédia, com a integração da primeira nos documentos que contêm texto, imagens, animações, gráficos, dados e enlaces para outros conteúdos. Os produtos sonoros na rede resultam da integração plena dos elementos da linguagem radiofónica com os processos interactivos.

No ecrã do computador a rádio que escutamos cumpre o potencial de "sonosfera" de Balsebre, ou da "fonosfera" de Herreros? Encontramos nas rádios na internet, nas ciber-rádios, a expressividade sonora que sempre caracterizou o meio invisível tornado agora visível? O som é ainda o elemento enriquecedor da mensagem jornalística da rádio na internet que nos transporta para a "atmosfera global auditiva envolvente" da rádio de McLuhan? A questão que se coloca é se no contexto



multimédia e interativo da internet encontramos os elementos expressivos da linguagem radiofónica nos conteúdos jornalísticos.

Se a rádio é a expressão sonora, a ciber-rádio é, simultaneamente, expressão sonora, multimédia e interactiva (HERREROS, 2008, p.63), não abarca apenas uma expressividade, mas várias, a que lhe é inata e as do novo meio. Esta interactividade não é uma novidade em absoluto, ela está presente na rádio tradicional na definição de Balsebre sobre a linguagem radiofónica, a internet apenas lhe confere uma nova dimensão ao possibilitar ao internauta múltiplas recriações sonoras da realidade, isto é, múltiplas narrativas.

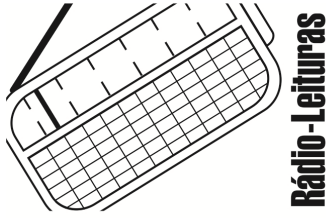
O novo meio tem potencialidades capazes de produzir novas sonoridades em co-criação com os ciberouvintes. Se o objectivo da linguagem radiofónica é o de provocar a imaginação do ouvinte, a ciber-rádio amplia a capacidade imaginativa dos utilizadores:

A imaginação não se excita apenas, como na rádio tradicional, com o som real produzido por pessoas, objectos naturais ou instrumentos técnicos, mas sobreexcita-se também com a nova realidade sonora virtual (HERREROS, 2008, p.65).

As palavras de Herreros podem ser consideradas como um sonho que a internet pode vir a concretizar.

Para os que olham a rádio com paixão o som é elevado ao estatuto do sagrado, por isso, olham a internet como McLuhan olhou a rádio, como uma nova e ainda mais maravilhosa “atmosfera global auditiva envolvente” que pode elevar a linguagem radiofónica a um estatuto supremo. A *web*, com as suas ferramentas e potencialidades, pode dar novas dimensões ao som libertando-o das limitações do éter.

A expressividade sonora mais do que enriquecer o jornalismo radiofónico é a sua essência. Partindo do princípio que o som é o que define a ciber-rádio,



Os recursos expressivos da linguagem radiofónica nas cibernotícias das rádios portuguesas

Ana Isabel Crispim Mendes Reis

tenderíamos a pensar que as componentes da linguagem radiofónica não só teriam de estar presentes como ganhariam novas dimensões e uma nova expressividade. Essa é a questão que fica em aberto: terá a ciber-rádio de conter a linguagem expressiva da rádio?

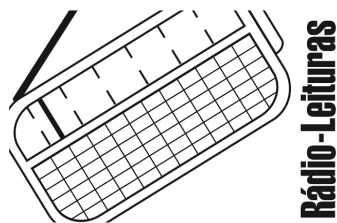
A referência é a rádio e no novo meio potencialmente interactivo e multimédia, teremos de considerar a hipótese de a linguagem sonora não ser tão essencial ao jornalismo ciber-rádiofónico como o é ao jornalismo radiofónico.

2. Metodologia

O objectivo a que nos propomos é o de analisar o áudio dos conteúdos jornalísticos nos sites das rádios portuguesas de âmbito nacional. Com essa análise pretendemos verificar se os elementos expressivos da linguagem radiofónica (palavra, música, efeitos sonoros, silêncio) estão presentes nos conteúdos informativos dos sites das quatro rádios analisados: TSF, Rádio Renascença, RDP Antena 1 e Rádio Clube - emissoras hertzianas de âmbito nacional com presença na *web*, que privilegiam a informação e têm conteúdos jornalísticos com áudio nos seus sites. Tendo em conta estes três critérios foram excluídas as rádios de temática musical e as rádios locais. As *webrádios*, rádios que emitem exclusivamente na *web*, foram, por esse motivo, igualmente excluídas.

A amostra é constituída pelas notícias em destaque na página de abertura dos conteúdos jornalísticos dos sites. Das 2.529 notícias da amostra foram analisadas apenas as que tinham áudio, ou seja, 2.014 notícias.

A presença dos componentes da linguagem radiofónica foi medida através do preenchimento de uma grelha sobre a morfologia das diversas peças áudio. Optámos por uma classificação que nos revelasse se os áudios continham os quatro elementos expressivos da linguagem radiofónica, e que assentava numa divisão entre



texto/palavra e texto/palavra/ambiente sonoro. Assim, foram consideradas oito morfologias: declaração; peça de texto lida por um jornalista; peça com áudio; peça com ambiente sonoro; reportagem com depoimentos; reportagem com ambiente sonoro; entrevista integral; entrevista em blocos.

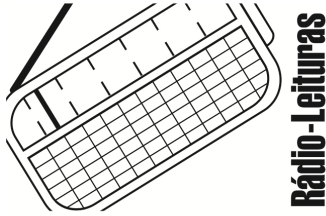
O período em análise abrange os anos de 2008, 2009 e 2010. Foram escolhidas aleatoriamente duas semanas em cada ano, de segunda-feira a domingo, com três consultas diárias que correspondem aos principais períodos de acesso à *web* segundo o Netpanel da Marktest: entre as 9 e as 10 horas; entre as 15 e as 16 horas; e à noite, entre as 22 e as 23 horas.

Há que referir que ao longo do período de análise os quatro sites renovaram as suas páginas e foram introduzindo novos conteúdos ou funcionalidades.

3. Breve contextualização dos sites das quatro rádios

O panorama radiofónico português manteve-se praticamente igual desde os anos 30 com 3 rádios de âmbito nacional (uma do estado, outra católica e uma privada) e várias rádios mais pequenas e de cobertura geográfica mais limitada. Na segunda metade dos anos 90 as principais emissoras lançaram os seus sites, embora só tenham efectivamente apostado na internet no início do século XXI quando os sites passam a incluir conteúdos e funcionalidades mais diversificados.

A Radiodifusão Portuguesa (RDP) é a estação de rádio pública que faz parte do grupo audiovisual nacional pertencente a Estado, a Portugal Global, SGPS, S.A., juntamente com a Radiotelevisão Portuguesa (RTP) e agência noticiosa portuguesa, a LUSA. O serviço público de rádio foi iniciado em 1935, ano em que a Emissora Nacional (EN) começou a emitir, e teve um papel relevante nos anos da ditadura até 1974. No pós-revolução a EN dá lugar à Rádio Difusão Portuguesa, a RDP, que actualmente agrega outras rádios com perfil diverso e faz parte do grupo RTP. O grupo estatal abrange os vários canais de televisão e estações de rádio públicos (Antena1, Antena 2,



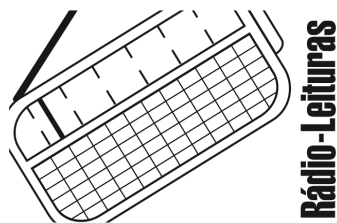
Os recursos expressivos da linguagem radiofónica nas cibernotícias das rádios portuguesas

Ana Isabel Crispim Mendes Reis

Antena 3, RDP África, RDP Internacional, RDP Madeira e RDP Açores) que são reunidos num único site, o RTP - Rádio e Televisão de Portugal (<http://www.rtp.pt>) sem que as páginas das rádios tenham um endereço autónomo.

A Rádio Renascença, criada em 1936, é uma estação de rádio de orientação católica e propriedade da Igreja Católica Portuguesa (católica romana). A RR esteve para ser nacionalizada no período revolucionário, mas acabou por manter a propriedade nas mãos da Igreja. Actualmente agrupa outras rádios com diferentes perfis (RFM, Mega Hits, rádio Sim). As rádios do agora denominado grupo **r/com** lideram desde há décadas as audiências de rádio em Portugal. Na internet cada rádio tem a sua própria página, autónoma, mas com ligações entre si. A RR está na internet no endereço <http://www.rr.pt/>.

O Rádio Clube Português constitui um caso aparte no panorama radiofónico português, tendo sofrido alterações não apenas na propriedade, mas também na cobertura geográfica, formato e conteúdo. A emissão foi descontinuada por diversas vezes tendo encerrado após a realização deste estudo. O RCP objecto desta análise tinha adoptado o nome de uma emissora histórica, a primeira a emitir regularmente no país, em 1931, e que teve um papel marcante na história da rádio em Portugal e na história do país. O antigo RCP era propriedade de uma família ligada à rádio e à ditadura de Salazar, na madrugada da revolução de 1974 foi ocupado pelos militares e foi nos seus estúdios que foram lidos os comunicados do MFA (Movimento das Forças Armadas). O RCP foi extinto no período pós-revolucionário com as nacionalizações. A sua frequência foi vendida pelo Estado nos anos 80, quando começaram as privatizações dos media estatais. O nome Rádio Clube Português voltaria a antena apenas na década de 90, novamente pela mão da família Botelho Moniz, detentora de uma frequência local em Lisboa, mas por pouco tempo. O nome só volta a ser reabilitado em 2007 quando a Media Capital, propriedade do grupo espanhol Prisa, o relança com a classificação de rádio generalista num projecto “de palavra” feito à imagem da Cadena Ser em Espanha. O projecto esteve no ar até 2010, sendo



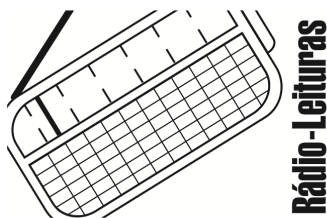
permanentemente reformulado até ser oficialmente descontinuado. O grupo Media Capital é um dos maiores no sector dos media, proprietário de várias rádios (Star FM, Vodafone FM, Cidade FM, Rádio Comercial, M80, Best Rock), uma televisão (TVI), revistas, produtoras, sites noticiosos, um site de música (Cotonete, que foi o primeiro do género em Portugal) e um portal.

A TSF Rádio Jornal é mais recente, nasce no tempo das rádios-pirata que culmina com o processo de legalização e atribuição de frequências para as rádios locais. A TSF é uma rádio privada e tem um formato *all news*, o único do género em Portugal. Inicialmente surge com o estatuto de cooperativa e actualmente faz parte de um dos mais importantes grupos de media nacionais, a Controlinveste, que detém os diários de maior circulação nacional (Jornal de Notícias, Correio da Manhã e Diário de Notícias) e os canais de televisão de desporto no cabo. A TSF está no endereço <http://www.tsf.pt>.

4. O domínio da Palavra

Foi definido como objectivo aferir se a linguagem da rádio, com toda a sua carga expressiva, é transposta das ondas hertzianas para a *web*. O que podemos concluir é que não. Nas notícias em destaque os áudios são, por larga maioria, vozes dos protagonistas e/ou intervenientes da notícia. Embora haja áudios em que os diversos componentes da linguagem radiofónica são utilizados, podemos afirmar que, nas notícias em destaque, não se utilizam todos os recursos expressivos da linguagem radiofónica, havendo predominância de um único: a palavra. E de uma morfologia: a declaração.

A música, os efeitos e o silêncio, raramente são utilizados. Encontramo-los no arquivo dos sites, nas grandes reportagens ou rubricas informativas. Nas notícias do dia-a-dia imperam as declarações enquadradas pelo texto.



Os recursos expressivos da linguagem radiofónica nas cibernotícias das rádios portuguesas

Ana Isabel Crispim Mendes Reis

Nos resultados totais a presença de peças e reportagens com ambiente sonoro ou sonorizadas é quase insignificante, 0,7% e 2,1% respectivamente, em comparação com o conjunto das restantes morfologias, 97,2%, ou com a percentagem de declarações, 73%. De 2008 a 2010 os valores têm evoluído positivamente nas peças com ambiente sonoro, assistindo-se à tendência inversa nas reportagens com ambiente sonoro cujo valor caiu para menos de metade.

	2008	2009	2010	Total
Declaração	70,9%	75,8%	71,9%	73%
Peça Tx	8,1%	3,3%	3,9%	5,1%
Peça RM	2,8%	3,3%	2,9%	3%
Peça c/ amb sonoro	0,3%	0,5%	1,3%	0,7%
Reportagem	11,1%	13,2%	17,4%	13,7%
Rep c/ amb sonoro	3%	1,9%	1,3%	2,1%
Entrevista integral	2,8%	2%	1,3%	2,1%
Entrevista em blocos	1%	0%	0%	0,3%

Ilustração 1 – Valores totais da Morfologia dos Áudios por ano

A declaração mantém o primeiro lugar nas morfologias dos quatro sites, dominando o tipo de áudio das notícias em destaque. Nestes três anos regista-se o aumento das reportagens e o decréscimo das peças de texto em que apenas aparece a voz do jornalista.

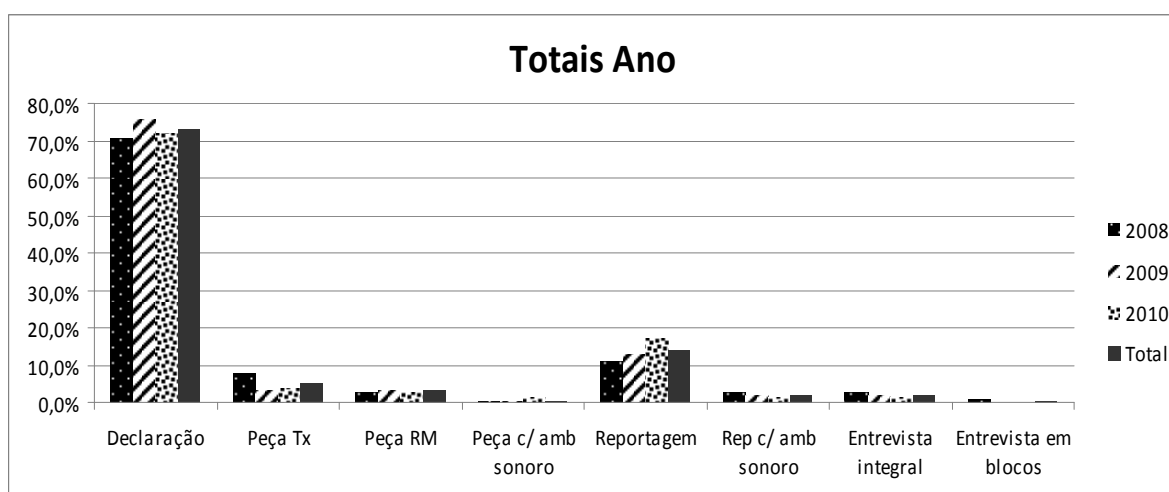
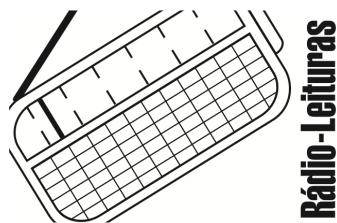


Ilustração 2- Morfologia dos Áudios por ano



A RDP é a que apresenta maior variedade de morfologias. O RCp é o que tem menos áudios com todos os recursos expressivos da linguagem radiofónica. A RR foi a única que publicou as entrevistas em blocos.

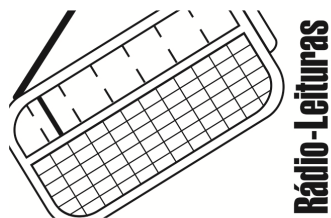
A TSF tem dois itens sem registos: a entrevista e a entrevista em blocos. Ou seja, as notícias, sobretudo ao fim-de-semana, feitas a partir de entrevistas à estação, não tinham *link* para o programa respectivo nem conduziam ao áudio da entrevista, apenas incluíam uma declaração e, por vezes, nem isso. Opção oposta à da RR que aproveitou as notícias em destaque para partir as entrevistas em blocos temáticos ou para conduzir os ciberouvintes a programas que podem ser escutados na íntegra. No entanto, esta opção deixou de se verificar a partir de 2009, as entrevistas passaram apenas a ser disponibilizadas na íntegra num único bloco.

A fragmentação da entrevista é um dos conceitos que decorre da fragmentação dos conteúdos que parte do princípio que o ciberouvinte não quer escutar toda a entrevista, mas apenas as partes que lhe poderão interessar. Desta forma, simplifica-se a busca do internauta. Apesar da lógica que lhe é inerente, as rádios parecem não estar a aderir ao formato.

A declaração é a mais utilizada por todas as rádios nas notícias *online*. A segunda morfologia mais frequente é a reportagem na TSF, RR e RDP. No RCp é a peça de texto que tem apenas a voz do jornalista.

A menos usada é a entrevista em blocos, excepto na Rádio Renascença, onde alcança 2%, e em que as peças com ambiente sonoro são inexistentes.

Por estações, e somando as peças e reportagens com ambiente sonoro, verificamos que representam 2,9 % dos áudios da TSF; 2,2% dos da RR; 5,4% dos da RDP e 0,4% dos do RCp.



Os recursos expressivos da linguagem radiofónica nas cibernotícias das rádios portuguesas

Ana Isabel Crispim Mendes Reis

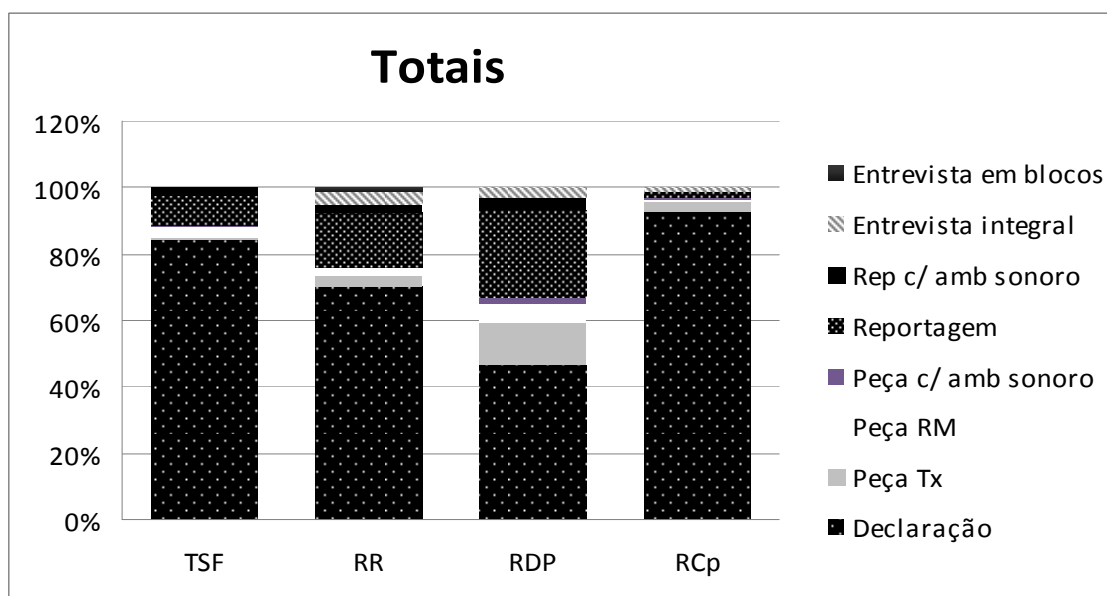
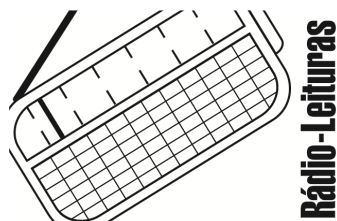


Ilustração 3 - Morfologia em totais por Site

Entre 2008 e 2010, com as renovações nos sites, a frequência das morfologias sofreu também algumas alterações, sobretudo na TSF e no RCp.

Em 2008 as notícias da TSF tinham somente áudios com declarações dos protagonistas. Foi apenas registada uma única reportagem. Em 2009, já no novo site, verifica-se que outras morfologias foram introduzidas gerando uma maior variedade nos componentes dos áudios. Os recursos da linguagem radiofónica, até aí ausentes, passam a estar presentes em algumas peças e reportagens das notícias do dia-a-dia e não apenas nas grandes reportagens inseridas noutras secções da página. A reportagem não só passa a ser a segunda morfologia mais utilizada, como é a que mais cresce, de 0,6% para 8,3% e em 2010 a percentagem é já de 18%.

Tendência idêntica se regista na RR. A reportagem é também a segunda morfologia mais usada e regista igualmente um aumento significativo entre 2008 e 2009, passa de 12,4% para 22,3%. No entanto no ano seguinte desce para os 16%.

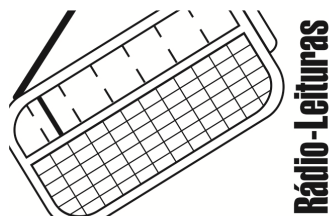


Neste site as reportagens encontram-se com frequência fora das notícias em destaque sendo alojadas em especiais ou afectas a programas específicos.

Na RDP a reportagem permanece em segundo lugar durante os três anos, com variações anuais.

No RCp a declaração é reforçada em detrimento das restantes morfologias. Esta tendência está relacionada com as alterações no site em 2009, já referidas anteriormente, em que a notícia do dia inclui áudios retirados do programa de manhã. Na prática, isso significa que os áudios são, exclusivamente, declarações dos entrevistados. O RCp regista ainda em 2009, 3% de entrevistas nas notícias em destaque, isso, porém, não espelha uma estratégia da estação, mas apenas regista o facto de uma das notícias em destaque conter uma entrevista e aí permanecer durante dois dias. Esta particularidade registou-se em todos os sites, embora numa menor escala.

Em 2010, os conteúdos do RCp no site sofrem nova alteração, a maioria das morfologias desaparece, a declaração é predominante com cerca de 95% e o número de peças de texto aumenta em relação ao ano anterior. Estas alterações reflectem não só as mudanças em curso no perfil da rádio-mãe, que progressivamente abandona o carácter informativo e o perfil de “rádio de palavra”, como antecipam o anúncio de que a rádio seria descontinuada (o que veio a acontecer no Verão desse ano) e que daria lugar a um outro projecto de cariz musical implementado no início do ano seguinte.



Os recursos expressivos da linguagem radiofónica nas cibernotícias das rádios portuguesas

Ana Isabel Crispim Mendes Reis

TSF

	2008	2009	2010	Total
Declaração	99,4%	82,8%	69,5%	84%
Peça Tx	0%	1,7%	1,2%	1%
Peça RM	0%	1,7%	7,8%	3,1%
Peça c/ amb sonoro	0%	1,1%	0%	0,4%
Reportagem	0,6%	8,3%	18,0%	8,9%
Rep c/ amb sonoro	0%	4,4%	3,0%	2,5%
Entrevista integral	0%	0%	0,6%	0,2%
Entrevista em blocos	0%	0%	0%	0%

RR

	2008	2009	2010	Total
Declaração	68,0%	64,0%	77,5%	70,2%
Peça Tx	3%	2,9%	3,0%	2,9%
Peça RM	3%	5,1%	0%	2,6%
Peça c/ amb sonoro	0%	0%	0%	0%
Reportagem	12,4%	22,3%	16,0%	16,9%
Rep c/ amb sonoro	5,9%	0,6%	0,5%	2,2%
Entrevista integral	3,6%	5,1%	3,0%	3,9%
Entrevista em blocos	4,1%	0%	0%	1,3%

RDP

	2008	2009	2010	Total
Declaração	38,5%	47,3%	56,0%	46,7%
Peça Tx	20,5%	9,5%	7,1%	12,8%
Peça RM	5%	8,3%	3%	5,4%
Peça c/ amb sonoro	0,5%	1,2%	4,8%	2%
Reportagem	23,5%	29,6%	27,4%	26,6%
Rep c/ amb sonoro	5%	3,6%	1,2%	3,4%
Entrevista integral	7%	0,6%	0,6%	3%
Entrevista em blocos	0%	0%	0%	0%

RCp

	2008	2009	2010	Total
Declaração	83,4%	97,0%	95,3%	92,4%
Peça Tx	6,7%	0,8%	4,7%	3,3%
Peça RM	3,1%	0%	0%	1%
Peça c/ amb sonoro	0,6%	0%	0%	0,2%
Reportagem	5,5%	0%	0%	1,8%
Rep c/ amb sonoro	0,6%	0%	0%	0,2%
Entrevista integral	0%	2,3%	0%	1,2%
Entrevista em blocos	0%	0%	0%	0%

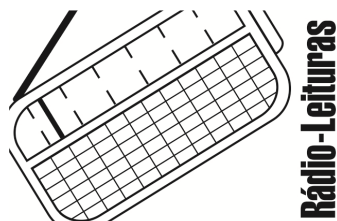
Ilustração 4 - Evolução anual por Site da Morfologia dos Áudios

Notamos que nos quatro sites as diferentes morfologias têm diferentes evoluções. Na TSF a reportagem foi a que teve maior crescimento assim como a peça com sons. Na RR a declaração aumentou, embora em 2009 tenha descido ligeiramente, ao contrário do que aconteceu com a reportagem que atingiu um pico nesse ano. Na RDP a declaração aumentou e a entrevista integral desapareceu, devido ao facto de ser alojada em espaços próprios, isto é, nas páginas dos programas de entrevista.

No RCp devido às transformações que o site foi sofrendo assiste-se a um aumento da declaração em detrimento das restantes morfologias que desaparecem entre 2009 e 2010.

As morfologias que integram ambiente sonoro decrescem em todas as estações, com excepção da RDP nas peças com ambiente sonoro.

Em todos os sites verificou-se que os recursos, quando utilizados, surgem mais como som de fundo do que propriamente com uma função expressiva da própria



mensagem jornalística. Cabe aqui referir que a grande maioria não eram peças ou reportagens produzidas em estúdio, mas peças de actualidade, muitas feitas a partir do local, em directo ou gravadas, que integraram os noticiários hertzianos e que depois foram isoladas e agregadas à notícia da *net*. Nestes áudios os elementos sonoros surgem mais como pano de fundo à voz do jornalista do que como recursos expressivos que fazem parte ou enfatizam a mensagem. A linguagem radiofónica na internet resume-se à palavra. Os outros elementos são puramente acessórios, surgem por acaso ou sem função expressiva no conteúdo.

Todos os sites analisados têm como referência a rádio que lhes deu origem. Uns mais, outros menos, mas todos privilegiam o som em relação aos outros elementos multimédia. Na internet, tal como no éter, é o som que distingue e caracteriza os sites das rádios (Reis, 2010) dos sites dos jornais ou das televisões. Não é só a predominância do som, mas sobretudo a sua mais-valia enquanto componente informativa e a sua afirmação enquanto linguagem expressiva.

Tendo em conta os objectivos a que nos propusemos e em face dos resultados obtidos podemos retirar três conclusões principais:

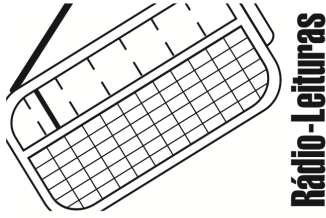
1ª – A declaração é a morfologia predominante

2ª – As peças e reportagens com ambiente sonoro ou sonorizadas são pouco utilizadas e registam uma tendência de queda significativa

3ª – A fragmentação das entrevistas em blocos temáticos desapareceu dos sites das rádios em análise

5. Discussão dos resultados

Nas notícias em destaque nos sites das rádios verifica-se que há uma tendência para a simplificação do áudio. Na lógica do consumo imediato a declaração é a que melhor se adequa à velocidade da informação na *net* por ser o formato mais rápido e



Os recursos expressivos da linguagem radiofónica nas cibernotícias das rádios portuguesas

Ana Isabel Crispim Mendes Reis

incisivo. Na perspectiva da produção é a mais simples de produzir e alojar no site, e do ponto de vista do internauta favorece a consulta rápida da informação. Mas por outro lado esta tendência encerra o jornalismo no efémero da actualidade, tornando-o puramente factual, não investindo no jornalismo de contextualização, de desenvolvimento ou de investigação. O áudio é puramente funcional, responde à solicitação imediata, acompanha a rapidez do processo de produção e de consumo.

Se nas notícias em destaque dos sites das rádios o som é privilegiado isso não significa que sejam utilizados todos os recursos expressivos sonoros. É notória a preponderância de um único componente, a palavra, e de uma morfologia, a declaração, em comparação com o conjunto das restantes morfologias. Esta diferença acentua-se ainda mais quando se comparam as morfologias que não usam e as que usam os componentes da linguagem radiofónica. Este facto, no nosso entender, é um prolongamento da emissão da rádio tradicional. Nos noticiários, por limite de tempo ou estilo da estação, a duração dos registos sonoros tem vindo a diminuir, o que em termos práticos significa que a reportagem e a peça do jornalista são, muitas vezes, substituídas pela declaração do protagonista tendencialmente mais curta. E porque a pressão do tempo em rádio é grande, não resta tempo para grandes produções ou arranjos dos trabalhos do dia-a-dia.

As notícias em destaque nos sites das rádios prolongam a efemeridade do meio, e aumentam a velocidade do tempo da notícia não deixando espaço à produção sonora. Daí que não seja surpreendente que haja mais declarações na *net*, isso corresponde ao que sai nos noticiários hertzianos uma vez que ainda predomina a transposição dos áudios. E, neste ponto, há ainda um outro factor a ter conta, a temática das notícias, já que a grande maioria é de política, o que não favorece o tratamento sonoro.

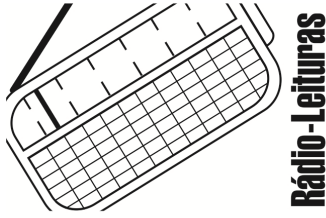
Convém aqui fazer um parêntesis, para evitar generalizações: as peças construídas a partir dos componentes da linguagem radiofónica (palavra, música,



efeitos, silêncio) não se encontram nas notícias da actualidade, mas são frequentes noutras secções dos sites como, por exemplo, nas grandes reportagens, especiais, ou apenas reportagens com uma duração maior publicadas em páginas autónomas de um programa, sobre um evento, etc. Mesmo assim, não surgem como relacionados para complementar ou contextualizar as notícias, nem se encontram ligações a partir dos destaques noticiosos do dia. Ou seja, não são rentabilizadas a partir da actualidade.

No fluxo contínuo da emissão de rádio tradicional sobrepõe-se uma estética radiofónica em que todos os componentes se articulam e conjugam para construir uma imagem e produtos sonoros. Na *net*, com a fragmentação dos conteúdos, não há esse fio condutor e essa estética, muitas vezes, perde-se. Se considerarmos que o jornalismo radiofónico é uma construção sonora da realidade, podemos concluir que a ausência da linguagem radiofónica remete para uma realidade mais empobrecida, menos matizada. E podemos também concluir que estamos perante um jornalismo radiofónico menos expressivo e diversificado em termos de utilização de recursos sonoros.

Neste ponto colocam-se duas questões distintas. Num cenário de transposição de conteúdos sonoros, podemos considerar que esse empobrecimento é comum à rádio e à ciber-rádio, aos noticiários e às notícias em destaque nos sites, sendo a internet apenas o reflexo do que já acontece na rádio. Por outro lado, sendo a internet uma nova plataforma com múltiplas possibilidades e potencialidades a nível de linguagem isso pode significar que a linguagem radiofónica não terá de ser, necessariamente, a referência para os produtos sonoros na *web*. A linguagem sonora da ciber-rádio ainda se guia pelas referências estéticas e sonoras da rádio hertziana, mas pode vir a afastar-se delas construindo o seu próprio universo expressivo que pode, ou não, incluir os componentes da linguagem radiofónica. Por isso, quando afirmamos que a linguagem expressiva sonora está ausente das notícias em destaque dos sites das rádios, estamos cientes de que o ponto de referência é a rádio e que a internet não tem necessariamente de seguir o mesmo padrão estético ou sonoro.



Os recursos expressivos da linguagem radiofónica nas cibernotícias das rádios portuguesas

Ana Isabel Crispim Mendes Reis

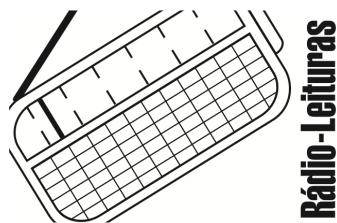
As cibernotícias das rádios não são apenas auditivas, não têm apenas som, podem incluí-lo ou não, isto é, podem recorrer apenas à palavra escrita e à imagem, sem incorporarem o som.

Nas notícias em destaque verificámos a ausência dos componentes da linguagem radiofónica que resulta, num empobrecimento da expressividade sonora e da estética radiofónica. Na *web*, a rádio já não representa o mundo apenas para o ouvido, como dizia Arnheim (1980), nem é apenas uma experiência acústica, como a descrevia Lazarsfeld (1946), e os seus códigos deixaram de ser puramente auditivos, como definia Crisell (1994) quando falava do “meio cego”.

Herreros (2008) olha para a ciber-rádio como uma nova realidade sonora virtual, que amplia a capacidade imaginativo-visual do ciberouvinte através da combinação dos componentes do som e dos restantes recursos da *web*. Mas aquilo que se encontra é uma realidade sonora virtual menos expressiva que se cinge à palavra, o que Merayo Perez (1992) e Balsebre (1996) já consideravam redutor, mesmo para a rádio hertziana.

Num meio multimédia, interactivo e hipertextual, o som é apenas um entre vários recursos. O áudio, tal como os restantes elementos multimédia, não surge integrado na narrativa, mas em separado, o que contribui para a dificuldade em definir e caracterizar uma nova narrativa e uma nova linguagem. Dificuldade agravada pelo facto de a referência continuar a ser, por um lado a rádio hertziana, e por outro as potencialidades da internet. Olha-se para a ciber-rádio como uma fusão entre os dois meios e não como algo que nasce a partir dessa fusão. E, na verdade, é isso que a ciber-rádio reflecte, essa fusão, até mesmo no nome.

Tendo em conta os resultados obtidos, e se olharmos a rádio sob a perspectiva da ‘*mediamorfosis*’ de Fidler, questionamo-nos como é que a rádio na internet vai, ou já está, a influenciar a rádio hertziana: se o fenómeno da ‘*radiomorfosis*’ é recíproco.



Se o áudio na internet é o som usado na notícia da rádio, e se na internet predomina a palavra em detrimento da ambiência sonora, não estará a rádio, também a transformar-se, abandonando a sua vocação estética e a diversidade sonora? E se assim for, e se a rádio espelha a sociedade em que se insere, não estaremos nós a perder definitivamente a capacidade de escutar os sons que nos rodeiam?

Referências bibliográficas

ALVES, Raquel Porto Alegre. **O Radiojornalismo nas Redes Digitais**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia, 2004. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2004_portoalegre_dissertacao.zip (consulta em Março de 2007)

ARNHEIM, Rudolf. **Estética radiofônica**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1980.

BALSEBRE, Armand. **El Lenguaje Radiofónico**. Madrid: Cátedra, 1996.

BONIXE, Luís. Da expressividade sonora ao multimédia – percursos do jornalismo radiofónico português. Comunicação apresentada no 6º Sopcom. Lisboa, **Actas Digitais do Congresso**, 2009. Disponível em: http://conferencias.ulusofona.pt/~lcm/conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/view/396/391, acesso em Junho de 2009.

CRISELL, Andrew. **Understanding Radio**. Londres: Routledge, 1994.

HERREROS, Mariano Cebrián. **Información Radiofónica: Mediación técnica, tratamiento y programación**. Madrid: Editorial Síntesis, 1995.

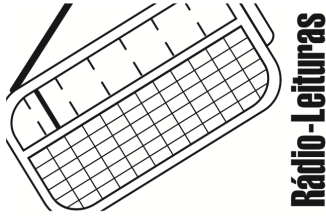
_____. **La radio en la convergencia multimedia**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2001.

_____. **La radio en Internet**. Buenos Aires: La Cruíja, 2008.

LAZARSELD, Paul F.; FIELD, Harry. **The people look at radio**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1946. Disponível em: <http://www.archive.org/search.php?query=radio%20research%20AND%20collection%3AAmericana>, acesso em Julho de 2009.

MAIA, Matos. **Telefonia**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995.

McLUHAN, Marshall. **Comprender os Meios de Comunicação, extensões do homem**. Lisboa: Relógio d'Água, 2008.



Os recursos expressivos da linguagem radiofónica nas cibernotícias das rádios portuguesas

Ana Isabel Crispim Mendes Reis

MEDITSCH, Eduardo. **A Rádio na era da Informação**. Coimbra: Minerva, 1999.

MERAYO PEREZ, Arturo. **Para entender la radio**. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca, 1992.

REIS, Isabel. O áudio nas notícias das ciber-rádios: do hipertexto ao hiper-áudio?, **Revista Prisma.com**, nº12, 2010. Disponível em: <http://portal.doc.ua.pt/journals/index.php/prisma.com/article/view/752>

RIBES I GUÀRDIA, Francesc Xavier. **Las emisoras de radio del Estado Español en Internet: las Bitcasters**. Tese de Doutoramento. Universidade Autònoma de Barcelona, 2001. Acesso em: http://www.tesisenxarxa.net/TESIS_UAB/AVAILABLE/TDX-0114102-161943//fxrg1de1.pdf, acesso em Fevereiro de 2007.

SANTOS, Rogério. Rádio em Portugal: Tendências e grupos de comunicação na actualidade, **Comunicação e Sociedade**, vol 7, 2005.

SOENGAS, Xosé. El Discurso Radiofónico: Particularidades de la Narración Sonora, **Revista Prisma**, edição nº1, 2005. Disponível em: http://prisma.cetac.up.pt/edicao_n1_outubro_de_2005/el_discurso_radiofonico_parti_c.html, acesso em Janeiro de 2009.



Abstract

The radio journalism considered as a sound construction of reality is inextricably linked to the radio language. It is the diversity of the expressive features that allows sound to recreate the sounds of the world and the news. Webradio offers other resources and no longer rely solely on the sound. What we want to check is whether the expressive resources of language are present in the radio audio of the news highlights of four Portuguese radios: TSF, Rádio Renascença, and RDP Antena 1, Radio Clube. The conclusion points out that there are a predominant use of a single component meaning word, which means that the sound scenarios are practically absent in internet audio.

Keywords: Radio, internet, radio language.

Resumen

El periodismo de radio como una construcción de la realidad está inextricablemente ligada al lenguaje radiofónico. Es la diversidad de las características expresivas del sonido que permite recrear los sonidos del mundo de las noticias. En la internet la radio tiene otros recursos y no depende exclusivamente del sonido. Lo que se quiere comprobar es si los recursos expresivos del lenguaje radiofónico están presentes en el audio de las cibernoticias destacadas en cuatro radios portuguesas: TSF, Rádio Renascença, RDP Antena 1, Radio Clube. La conclusión es que hay el uso predominante de un solo componente, la palabra, y que los escenarios sonoros están prácticamente ausentes en el audio de la internet.

Palabras Clave: Radio, internet, lenguaje radiofónico.